

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS. T. G. E. POWEL -THE CELTS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notas Bibliográficas. T. G. E. Powel -The celts. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 318-321.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

detidas na antiguidade pela arte greco-romana, renascerem na arquitectura românica e na gótica, após a decadência do mundo clássico, para novamente serem dominadas pela Renascença, e agora finalmente voltarem a reviver na chamada arte moderna. Podemos assim traduzir numa verdadeira curva sinusoide o florescimento e decadência alternados da arte céltica, atribuindo aqui o Sr. Varagnac a ideia de *florescimento* precisamente ao que muitos consideram manifesta *decadência* da Arte. É o problema candente das correntes estéticas do nosso tempo, nos moldes chocantes que muitos artistas e críticos de Arte se recusam aceitar, revolução de que o Sr. Varagnac e outros são fervorosos adeptos.

As ideias expendidas e conclusões contidas neste livro são, como se vê, tão interessantes sob o ponto de vista artístico como arqueológico. A obra é documentada com magníficas estampas reproduzindo exemplares seleccionados de obras de arte de diversos museus franceses.

T. G. E. POWELL, *The Celts*, Vol. VI da Série «Ancient Peoples and Places», ed. do Dr. Glyn Daniel, London 1958.

O arqueólogo irlandês, Sr. Terence G. E. Powell, doutorado pela Universidade de Cambridge, onde foi discípulo do prestigioso cientista J. Chadwick, é também um profundo conhecedor da história e da linguística das Ilhas Britânicas.

Homem superiormente culto e viajado, percorreu os grandes centros universitários da Europa e visitou a África e a Índia, tendo dirigido numerosas escavações arqueológicas na Irlanda e na Grã-Bretanha. É sócio da Society of Antiquaries, vice-presidente da Prehistoric Society, correspondente do Deutsche Archäologische Institut, e pertence actualmente ao Departamento de Arqueologia Pré-histórica da Universidade de Liverpool.

Publicou recentemente o Dr. Powell um livro de muito mérito, que faz parte da série «Ancient Peoples and Places» que se publica em Londres (Thames & Hudson), e da qual é director e editor o Dr. Glyn Daniel, cientista da Universidade de Cambridge, que ainda há

poucos meses esteve em Portugal, realizando, em Lisboa, Porto e Coimbra, algumas Conferências sobre Pré-história.

Este livro do Prof. Powell intitula-se *The Celts*, podendo considerar-se um excelente resumo, com muitos pontos de vista pessoais do seu autor, acerca do que, até o presente, a ciência tem conseguido averiguar sobre esse povo, ou melhor, sobre esse mosaico de povos que tão avassaladoramente dominaram a história da Europa, muito em especial durante a segunda metade do primeiro milénio a. C. até os começos da era cristã.

Sobre os Celtas existe uma bibliografia tão vasta que, reunida, seria bastante para encher as prateleiras de uma enorme biblioteca. Milhares de livros se tem escrito sobre essas hordas bárbaras e aguerridas, que percorreram todos os grandes caminhos do mundo então conhecido, desde as Ilhas Britânicas à Ásia Menor, desde a Ibéria à Escandinávia, dominaram todos os povos cujos territórios invadiram e formaram um vasto império, aliás sem limites definidos, com uma verdadeira fluidez de fronteiras, dada a sua movimentação constante e o seu ancestral espírito indo-europeu de nomadismo.

Havendo nas fontes literárias dos autores antigos inúmeras referências aos Celtas, é curioso notar que todos os nossos conhecimentos são vagos e imprecisos a respeito destes povos, incluindo o seu foco de irradiação inicial, o seu berço de origem, que alguns supõem situado talvez no centro da Europa, na região danubiana, a norte dos Alpes, entre a Germânia e as Gálias. Em maior incerteza estamos ainda das suas características antropológicas, igualmente mal definidas, mas que parecem ser as de uma população mesclada, constituída por agrupamentos tribais com designações diversas e diversos graus de afinidades mútuas (celtas, gauleses, gálatas, galos, etc.). Restos esqueléticos de tipos antropológicamente distintos têm sido encontrados em sepulturas que, pela evidência do seu espólio arqueológico, se devem considerar célticas. Parece, todavia, que predominava nesses agregados de povos o tipo nórdico, do homem de forte estatura, alto e loiro.

A arqueologia tem revelado muitos pormenores da Cultura céltica, que aliás apresenta nuances diversas em cada uma das regiões que os Celtas ocuparam durante a

chamada Idade do Ferro, expandindo uma civilização florescente que ficou conhecida pelos nomes das duas estações mais típicas das duas fases em que essa Idade se divide. — *Hallstatt*, correspondente à primeira fase, e *La Tène*, mais evolucionada, correspondendo à segunda e última fase.

Larga influência tiveram na Hispânia os povos Celtas, como no-lo revela a Arqueologia, a Linguística, o Onomástico e os antigos textos históricos, a começar pelo poema *Ora Maritima*, de Avieno, e, com maior precisão e extensão, as obras de Plínio, Mela, Estrabão, Ptolomeu, e outros escritores clássicos greco-romanos. Modernamente, os dois cientistas que mais aprofundaram a história dos Celtas na Península Ibérica foram talvez Schulten e Bosch-Gimpera; em Portugal podemos citar Leite de Vasconcelos e Mendes Corrêa. E, ainda como obras de carácter geral sobre estes povos, cumpre destacar no enorme acervo bibliográfico que se lhes refere, dois autores — Déchelette e Henri Hubert.

O precioso livro agora elaborado de uma maneira tão metódica, clara e didática, pelo Prof. Terence Powell, consta apenas de quatro capítulos: no primeiro, apresenta-nos o autor uma síntese perfeita de tudo quanto se conhece dos Celtas, desde as hipóteses sobre as suas migrações e origens, às designações, identificações, e localizações que lhes atribuíram os primitivos historiadores e geógrafos. O segundo capítulo, intitulado «Os Celtas na vida», aborda a questão antropológica, caracteres físicos, o seu temperamento, e descreve os enfeites pessoais que eles usavam, os característicos *torques* e *viriae*, as instituições sociais, a economia rural, a casa, os povoados fortificados (*oppida*), o comércio e os ofícios, arte, cunhagem de moeda, etc. O capítulo terceiro trata da religião, rituais fúnebres, divindades, santuários, monumentos, sacrifícios, magia, iconografia (touro e javali de pedra, figuras de guerreiros, etc.). Finalmente, o capítulo quarto alude às sobrevivências célticas, cimbrios, teutões, germanos, bretões, heranças célticas post-romanas, etc. Cada um destes capítulos vem seguido da bibliografia que lhe corresponde, met dicamente disposta por assuntos.

A seguir dá o autor uma lista de Museus da Europa onde existem importantes colecções de Arqueologia

céltica, entre os quais figura o Museu de «Martins Sarmiento», em Guimarães. Depois, uma bibliografia geral, por ordem alfabética dos sobrenomes de autores.

É ilustrado o livro com 79 magníficas estampas fora do texto, entre as quais duas da Citânia de Sanfins e uma da Citânia de Briteiros, e 34 figuras intercaladas no texto, entre elas as duas estátuas de guerrriros lusitanos do Museu de Guimarães.

No final, uma série de notas explicativas das estampas e um índice sistemático. Contém ainda uma tábua cronológica histórica e arqueológica, destacando os factos históricos fundamentais decorridos entre o século IV a. C. até a era cristã, e a evolução cultural, testemunhada pela Arqueologia, desde 900-800 a. C. também até a era cristã.

Como não podia deixar de ser, o volume do Prof. Powell contém numerosas referências aos Celtas na Península Hispânica, e daí o seu particular interesse que o recomenda aos nossos estudiosos. Está em preparação uma versão francesa deste belo livro de síntese (ed. Arthaud, Paris). Pena é que não se promovam edições portuguesas de obras como esta, dignas de serem vulgarizadas entre os nossos escolares de Arqueologia.

Neue Ausgrabungen in Deutschland. Colectânea de estudos de Arqueologia de vários autores, publicada pela «Römisch-germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts». Berlin 1958, ed. Gebr. Mann. I vol. de 604 págs., numerosas gravuras e mapas. 175 x 250 mm.

Neue deutsche Ausgrabungen im Mittelmeergebiet und im Vorderen Orient. Colectânea de estudos de vários autores, publicada pelo Instituto Arqueológico Alemão de Berlim. Berlim 1959. Ed. Gebr. Mann. I vol. de 365 págs., numerosas gravuras e mapas. 175 x 250 mm.

Em 1958, o Instituto Arqueológico Alemão, de Berlim, publicou por intermédio da «Comissão Romano-Germânica» desse Instituto, presidida pelo Arqueólogo Prof. Dr. Werner Krämer, uma Colectânea de estudos dedicados aos participantes do V Congresso Internacional de Ciências Pré- e Proto-históricas, nesse ano realizado em Hamburgo.